

“ESTE É MEU NOME NA CHIBI!”:

Notas sobre desenho e conhecimento entre os Calon

« *THIS IS MY NAME AT CHIBI!* »:

Notes on design and knowledge among the Calon

Edilma do Nascimento Souza *

Resumo

Quando pensamos na pesquisa com crianças, logo surgem inquietações e propostas de traçar métodos complementares na realização da etnografia. A técnica do desenho é uma das mais utilizadas entre os pesquisadores que trabalham com crianças em diferentes contextos sociais. Neste artigo, apresento um debate sobre a utilização do desenho como técnica de pesquisa entre crianças ciganas do ramo Calon¹, e sobre a maneira como elas ressignificam a utilização desse recurso de pesquisa. O trabalho de campo foi realizado em períodos intercalados entre os anos de 2013 e 2018, com famílias ciganas Calon, residentes no município de Mamanguape (PB). Através da observação participante e realização de grupos focais com as crianças Calon², em que apliquei a técnica do desenho temático, foi possível perceber que a utilização dos desenhos, além de possibilitar o alcance dos objetivos da pesquisa, tornou-se um elemento para elas apresentarem seus conhecimentos em contraste ao meu. Desta maneira, o desenho como técnica permitiu compreender as noções sobre infância e educação entre as crianças ciganas e extrapolou o alcance da pesquisa, quando passou a ser utilizado pelas crianças na demonstração de seus conhecimentos sobre a linguagem materna (a chibi³). Apontada por algumas crianças em seus desenhos, a chibi foi explorada dentro de um mecanismo que demonstrava o conhecimento Calon em contraponto ao conhecimento não cigano. Portanto, este texto trata de apresentar, a partir da experiência etnográfica, a importância da técnica do desenho como um elemento de significados ilimitados entre as pessoas envolvidas na pesquisa.

Palavras-chaves: Crianças ciganas. Calon. Desenho. Conhecimento.

Abstract

When we think of research with children soon arise inquietudes and proposals to trace complementary methods in the realization of ethnography. The technique of drawing is one of the most used among researchers who work with children in different social contexts. In this article I present a debate on the use of drawing as a research technique among Calon gypsy children, and on the way the children give new meaning to the use of this research resource. The fieldwork was carried out in interspersed periods between the years 2013 and 2018 with Calon gypsy families, residing in the municipality of Mamanguape -PB. Through participant observation and conducting focus groups with Calon children of the locality, where I applied the thematic drawing technique, it was possible to realize that the use of drawings in addition to enabling the achievement of the research objectives, it became an element for

* Professora adjunta no colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, bacharela em Ciências Sociais pela mesma universidade. Atualmente é pós-doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde tem se dedicado à pesquisa sobre compreensão dos impactos da pandemia da covid-19 entre famílias ciganas no Nordeste brasileiro, a partir de uma perspectiva do campo das regulações sociais e morais na esfera da saúde e educação. Atua no Comitê de Antropólogas/os Negras/os, na Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia e no Comitê de Antropologia e Saúde, todos da Associação Brasileira de Antropologia/ABA. E-mail: edilma.nascimento@univasf.edu.br

1 Calon é a denominação dada para pessoas ciganas que têm uma narrativa histórica de trajetória de chegada até o Brasil vindas dos territórios ibéricos (Portugal e Espanha) (MONTEIRO, 2015).

2 Agradeço às crianças Calon por tantos aprendizados.

3 Termo utilizado para denominar a língua cigana pelos ciganos Calon na Paraíba.

children, present through it, their knowledge in contrast to mine. In this way, drawing as a technique enabled an understanding of the notions of childhood and education among gypsy children and went beyond the scope of the research, when it began to be used by the children to demonstrate their knowledge of the mother tongue (chibi). Indicated by some children in their drawings, the Chibi was explored within a mechanism that demonstrated Calon knowledge in counterpoint to non-Gypsy knowledge. Therefore, this text aims to present from the ethnographic experience the importance of the drawing technique as an element of unlimited meaning among the people involved in the research.

Keywords: Gypsy children. Calon. Drawing. Knowledge.

Questionamentos iniciais

A relação da pesquisa com crianças ciganas surge com o objetivo de dar continuidade à pesquisa com e a partir das crianças, que foi suscitado na minha formação, ainda durante o período da graduação. Fui inspirada pelos trabalhos da professora doutora Flávia Pires, a quem devo o legado de pesquisa com crianças e da qual tive a honra de ser orientanda na graduação. A pesquisa se deu no contexto do semiárido paraibano com crianças beneficiárias do Programa Bolsa-Família e que estavam inseridas no ambiente escolar, com o objetivo de compreender a elaboração de um círculo virtuoso proporcionado pelo recebimento do auxílio de transferência de renda (SOUZA, 2011). Dessa maneira, estivemos no município de Catingueira, no ano de 2010, realizando pesquisa de campo com famílias e crianças da localidade.

Foi nesse momento que mergulhei inicialmente na pesquisa com crianças, com a metodologia desenvolvida pela equipe da pesquisa: realizamos dinâmicas de grupos focais, questionários semiestruturados, desenhos temáticos e redação. Assim, iniciei o percurso de trabalho etnográfico com crianças. Ao dar seguimento ao trabalho de pesquisa com crianças de povos e comunidade tradicionais, a infância cigana se colocou como um caminho possível e potente cientificamente de ser compreendido a partir da pesquisa etnográfica.

Em 2013, entro no contexto etnográfico da pesquisa com famílias ciganas que têm seu território localizado no município de Mamanguape, localidade no litoral norte paraibano e que é reconhecido como território Calon.

Após quatro meses vivenciando o campo, sentia a necessidade de aplicar algumas técnicas de pesquisa com as crianças ciganas para compreender os seus pontos de vista. Mas a tentativa inicial foi sempre postergada, por tentar seguir ao máximo uma prática de observação direta, numa perspectiva de me envolver etnograficamente na perspectiva de experienciar a vida Calon na prática. É a partir deste contexto, carregando na bagagem os ensinamentos e experiências anteriores, que inicio a pesquisa com crianças ciganas, em que vou construindo a relação entre pesquisadora e pesquisados. Desse modo, busquei elaborar uma nova relação, apontando alguns desafios para realização da pesquisa, que foi também norteadora para pensar as potencialidades e participação das crianças no cotidiano de suas famílias.

A infrequência escolar, bem como a ausência do letramento e da aproximação com materiais como lápis e papel, era uma realidade para seis das oito crianças com as quais eu estava me envolvendo através da pesquisa etnográfica, ao passo que os desafios foram potencializando a criatividade e forma de conhecimento dessas crianças.

A ansiedade de compreender a não relação entre escola e crianças até aquele momento vedava meus olhos para compreender que as práticas de aprendizagem vigentes na dinâmica da vida Calon não passavam pelos elementos que eu reconhecia como essenciais. Foi a partir de um debate sobre o trabalho, apresentado na III Jornada de Pesquisa sobre Infância e Família, sobre métodos de pesquisa, que atentei para outras possibilidades. Até aquele momento minha inquietação passava pelo questionamento de como produzir dados a partir da elaboração de desenhos e redação com crianças que não frequentavam ou nunca frequentaram a escola. Com um pressuposto completamente errôneo, eu limitava a capacidade de diálogo e produção aos métodos e instrumentos que eram, apenas, só mais uma forma de linguagem. Saí daquele espaço de debate com algumas provocações que acabaram por direcionar o objetivo da pesquisa, que foi compreender a noção de infância naquele contexto, como o início do caminho para pensar outras questões e descobrir a maneira de realizar pesquisa com os métodos sobre os quais eu tinha conhecimento. Compreendi ali que o limite da pesquisa estava na pesquisadora, em minha maneira de conhecer e produzir conhecimento, na forma de acessar o outro e no meu limite de me comunicar. Voltei ao campo e reconfigurei meu olhar, permitindo, assim, aprender com as crianças ciganas suas maneiras de acessar tais elementos e de que forma elas me ensinariam sobre conhecimento e a vida cigana. Os desenhos se colocavam como uma proposição metodológica pertinente para compreender o cotidiano das crianças e seus significados.

Para tecer esse caminho, elaborei esse diálogo escrito em três passos, o primeiro é conhecer o contexto das crianças ciganas, o segundo conhecer as crianças e a infância Calon e, depois, conhecer, pelos desenhos, a vida cigana, ou seja, de que modo a utilização do desenho como técnica de pesquisa entre crianças ciganas Calon permitiram ressignificar a utilização desse recurso de pesquisa.

O território da pesquisa, o rancho⁴ cigano em Mamanguape (PB)

Localizado na região norte do litoral paraibano, o município de Mamanguape está a 62 km de distância da capital paraibana. Seu território ocupa 340 534 km², e o censo do IBGE de 2013 estimou a população em 43.678 habitantes. O município tem a densidade demográfica de 124,23 hab./km². A economia está alicerçada na produção agrícola da cana de açúcar. O município tem uma forte presença histórica de usinas de açúcar e outros derivados dessa cultura. A economia tem forte expressão em extração vegetal, silvicultura e outros cultivos agrícolas, bem como a pesca, graças à localização do rio Mamanguape.

A presença de ciganos passou muito tempo de forma despercebida, tendo até invisibilidade aqui na Paraíba, algumas vezes por estratégia dos próprios ciganos, outras vezes por falta de conhecimento dos não ciganos. Nos municípios pesquisados em que observamos

⁴ O termo “rancho” é utilizado para denominar o território de moradia dos ciganos ou as casas (estrutura física) onde residem.

a presença de ciganos na Paraíba, percebeu-se que há conhecimento da população não cigana sobre a existência dos ciganos nas localidades. No caso de Mamanguape, quando indaguei aos moradores locais não ciganos sobre a presença de ciganos na localidade, afirmaram: “–Aqui têm ciganos sim! As ciganas são diferentes, você não é cigana, você não fala como elas”. Além de ter conhecimento da presença desse grupo na região, percebi que os mamanguapenses não ciganos sabem diferenciar uma cigana de uma não cigana, ao menos conseguem distinguir alguns traços diacríticos, como a forma de falar.

O município de Mamanguape pode ser considerado como um local estratégico do território Calon, pois está no meio da rota das redes que ligam os ciganos do Vale do Mamanguape aos de outros estados ou municípios paraibanos. Além de uma localização estratégica, os ciganos que lá estão conhecem muitas pessoas da localidade, têm amizades com os mamanguapenses não ciganos e com gestores públicos. A relação, de uma maneira geral, é considerada boa, são tidos como “bons vizinhos”. Algumas crianças ciganas frequentam escolas públicas e particulares.

No município de Mamanguape, os ciganos estão localizados na rua dos ciganos, que é constituída por um conjunto de oito casas que se subdividem em dez ranchos⁵. Há mais quatro casas de ciganos espalhadas por outras ruas do município. Devido ao fluxo contínuo, não podemos mensurar um número exato de Calon na localidade, mas podemos estipular que há cerca de oitenta ciganos Calon vivendo por lá.

Os ciganos que estão arranchados em Mamanguape dizem que estão na cidade há cerca de 15 anos, tendo habitado diferentes ruas, num movimento de partidas e voltas ao município de Mamanguape. Segundo o relato de Mércia⁶, “Os ciganos já moraram pelo menos em quatro ruas diferentes, e eles sempre viajam. Teve dia que acordamos e eles já tinham partido, voltaram meses depois e foram morar em outra”. Percebi que esses deslocamentos acontecem de forma esporádica para uns e mais rotineiras para outros, mas que esses deslocamentos não retiram o pertencimento dos ciganos àquela localidade. As viagens e mobilidades ocorrem por diferentes fatores como venda das casas, visita a parentes, mudança de localidade para fazer negócio, ou outras formas de negociação com o próprio imóvel de moradia, como troca de casa (rancho) por algum automóvel e dinheiro.

No território Calon de Mamanguape, é possível identificar as relações entre pessoas ciganas de duas famílias extensas, que se constituíram basicamente através de acordos ou arranjos matrimoniais e apadrinhamentos. É neste contexto que iniciou a relação de pesquisa com oito crianças ciganas que viviam no território, duas residiam no estado de Pernambuco, mas tinham presença frequente em Mamanguape. O período da pesquisa se estendeu entre os anos de 2013 e 2018, entre estadas de curta duração (finais de semana) e mais longas (até quinze dias).

5 Espaço de moradia ocupado por cada família nuclear.

6 Interlocutora não cigana, residente na localidade.

A pesquisa etnográfica com famílias e crianças ciganas

Priorizando o diálogo com pessoas ciganas Calon, o recorte da pesquisa envolve a escuta e participação das crianças Calon. A metodologia utilizada no período de pesquisa em campo, esteve inspirada na prática da observação direta (MALINOWSKI, 1975) e etnográfica como aponta Mayall (2005). A etnografia é ressaltada como sendo um método de excelência na pesquisa com crianças.

Na participação direta, eu acompanhava o cotidiano e os dias de eventos e festejos entre adultos e crianças. A essa dinâmica denominei como etnografia itinerante, por ter estabelecido o campo no envolvimento entre muitas idas e vindas, sobre vários caminhos e contextos. Num dia eu estava no litoral paraibano e no mesmo dia seguia com os ciganos para o brejo, na semana seguinte estávamos nós, em territórios potiguar, um mês depois estava em outro estado do Nordeste. Denomino essa etnografia como itinerante por ter sido desenvolvida a partir do ritmo de vida dos próprios ciganos que nos recebiam em suas casas/ranchos para passarmos alguns dias (algumas vezes horas, outras, dois dias, cinco dias, quinze dias). A própria estadia em campo era numa frequência que se ajustava ao calendário dos ciganos. No caso da pesquisa no território dos Calon do litoral norte, o trabalho de campo foi desenvolvido entre dois pesquisadores da antropologia (eu e Renan Monteiro⁷).

A prática de pesquisa que foi sendo desenhada durante esses anos com os ciganos Calon foi definida como uma etnografia itinerante e envolvida. Aliado ao método da observação participante, para a produção dos dados empíricos, utilizei algumas técnicas como o método do grupo focal com entrevista com roteiro semiestruturado com adultos e crianças. Com as crianças, no momento da realização do grupo focal, também utilizei as técnicas de desenhos livres e temáticos (PIRES, 2007) para compreender como as crianças significam a ideia de ser Calon no contraponto do ser juron/jurin/juren⁸ no espaço de suas residências e no espaço da escola. Nesse processo, foi possível também refletir como as formas de participação vão se delineando de maneiras distintas, como o acesso à escola e elementos norteadores de uma lógica escolar, questão que embasa o debate deste texto.

Ainda no tocante às questões metodológicas, utilizo a ideia de “deutoaprendizado”, citado por Otavio Velho (2006), referindo-se a Gregory Bateson, que enfatiza a necessidade de o antropólogo “Aprender a aprender”, acreditando que essa é uma característica primordial do seu fazer, ou seja, aprender a viver no contexto do outro, aprender outras dinâmicas de vida e aprendizagem.

Neste percurso, vali-me, também, das contribuições de Favret-Saada (2005), que nos ensina a beleza de “deixar-se afetar”, que seria deixar-se contaminar pelo universo da pesquisa,

7 Renan Jacinto Monteiro é mestre em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

8 Termo utilizado na língua cigana (chibi) para denominar a pessoa não cigana.

por sentimentos, sensações, atitudes nativas, ou seja, colocar-se na posição do “outro” sem pretender se transformar nele. Ser afetada foi um fato ocorrido durante esses meses de pesquisa, quando retornava para casa e sentia falta, saudade das crianças, das conversas e das histórias, enfim, do convívio com os ciganos. Foi assim que dei continuidade à pesquisa com as crianças e permiti compreender, dialogar e aprender com suas participações em atividade de grupos focais. Sob a influência das ideias de Pires (2007) e Cohn (2005), que retratam a utilização de desenhos e perguntas informais na pesquisa com crianças, estabeleci as técnicas aplicadas em campo e as recoloquei em perspectiva na relação entre pesquisadora e pesquisados, adulta e crianças, juron e Calon.

O emprego da técnica de desenhos e redação foi barrada, no primeiro momento, pela não familiaridade das crianças com a escrita. A redação não teve como ser aplicada em razão do não letramento de algumas crianças. Destaco que a questão da inserção nas escolas entre os ciganos acontece num período posterior ao período das crianças não ciganas, e esse fator, no primeiro momento, surgia como uma problemática. Porém foi a partir da técnica dos desenhos que “aparentemente” consegui me relacionar de forma mais horizontal com as crianças ciganas.

É a partir dos desenhos e da explicação dada pelas crianças que chegamos ao ponto de vista delas sobre algumas questões. Conforme Pires:

Ao desenhar sobre um tema proposto, as crianças colocam no papel o que lhes é mais evidente. Nesse sentido, o desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo que primeiro vem à cabeça, aquilo que é mais óbvio para a criança. Porém quando combinado com a observação participante é que os dois instrumentos potencializam a sua utilidade. (PIRES, 2011, p. 41-42).

É importante enfatizar que a afirmativa trazida por Pires (2011) corrobora o debate de outros pesquisadores da área dos Estudos Sociais da Infância, assim com Cohn (2005), Sousa e Pires (2021), Pires e Santos (2021), Mendonça (2018), Monteiro (2015) entre outros pesquisadores que utilizam a técnica da aplicação de desenho, compreendendo o desenho como uma expressão e uma maneira de comunicação das crianças, tão potente quanto a escrita. A compreensão dos desenhos a partir das narrativas das próprias crianças traduzem a ilustração que outrora poderia ser considerada como abstrata, mas ganha argumento a partir da elaboração realizada pela criança.

Os desenhos na pesquisa foram realizados de forma mais pontual durante a realização do grupo focal com as crianças ciganas, participaram oito crianças com a idade variada entre dois e dez anos. O grupo focal⁹ aconteceu em dois dias de atividades, manhã e tarde, no espaço do terraço de um dos ranchos/casas.

⁹A realização do grupo focal também foi desafiante, pois só consegui reunir as crianças para tentar realizar esse grupo após sete meses de estadia em campo.

A princípio, o objetivo era conhecer como as crianças elaboram na socialidade – em seus cotidianos de socialização numa perspectiva da educação Calon – elementos representativos sobre a noção de infância cigana e do *ethos* Calon. Com a imersão em campo, considerei quais as categorias utilizadas por esse grupo para definir quem é e quem não é criança.

Como iria retratar alguns aspectos da infância se não sabia que infância é essa? Tassinari (2007), Nunes (2003), Silva & Nunes (2002) e Cohn (2013) dimensionam a importância de se conhecer as concepções de infâncias existentes no Brasil. Desta forma, conhecer como a infância é pensada pelos ciganos em Mamanguape e de que maneira as crianças identificam este período da vida foi o eixo norteador dos desenhos.

O poder argumentativo das crianças ciganas sobre o significado dos desenhos, e as definições sobre o que elaboram, demonstra a importância dessa socialidade entre adultos e crianças na formação da pessoa Calon e no que chamamos de educação Calon. Assim, este artigo recupera a experiência inicial de estar em campo com crianças ciganas, a partir da prática de pesquisa e da elaboração criativa das próprias crianças e de como, a partir dos desenhos, chegamos à perspectiva de transversalidade de saber e de mudanças de perspectivas sobre conhecimento, enfatizando a forma decisiva por meio da qual as crianças participam de seus cotidianos.

Os desenhos das crianças e seus modos de produzir conhecimento sobre a vida Calon

A atividade de pesquisa que envolvia o grupo focal não foi, de imediato, atrativa para as crianças ciganas. Embora todo entusiasmo por parte da pesquisadora, nem todas as crianças, assim consideradas, corresponderam com o mesmo entusiasmo, as crianças consideradas como crianças pequenas (bebezinho(a), criança pequena e criança crescida).

Realizei durante dois dias o grupo focal com as crianças que desejaram participar. Confesso que, após alguns dias de trabalho de campo, questionei-me como conseguiria realizar a pesquisa a partir de tal recurso metodológico, pois não sabia se elas sabiam desenhar. Mas ressalto que essa primeira questão partia das minhas habilidades, dos meus limites de compreensão e da noção sobre o que é desenhar.

Os rabiscos que traçaram as folhas naqueles dias e a dinâmica do diálogo transportaram as noções sobre desenhar, sobre representações e imagem. Tal como dito por Azevedo (2017)¹⁰, durante uma oficina de desenho como técnica etnográfica, não existe desenho certo ou errado, assim como atenta Pires (2007), o desenho é a forma que a criança nos representa aquilo que ela significa entre abstrato e concreto.

Com as crianças participantes, conseguimos realizar vários desenhos livres e 40 desenhos temáticos, que tinham como objetivo compreender a infância cigana Calon a partir do ponto de vista das crianças envolvidas na atividade.

¹⁰ Oficina sobre desenho e etnografia, ministrada pela professora doutora Aina Azevedo, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

No primeiro dia em que distribuí folhas e lápis, deixei que elas desenhassem à vontade. Abaixo uma síntese dos desenhos temáticos trabalhados a partir das seguintes perspectivas: 1) “Coisas de Cigano”; 2) “Ciganos x Juron”. Esses dois temas foram trabalhados no nosso segundo dia de grupo focal, e tiveram como objetivo compreender, a partir do ponto de vista das crianças, suas respectivas noções e representações. Pedi a autorização das crianças para utilizar os desenhos em trabalhos acadêmicos, como este.

Coisas de cigano

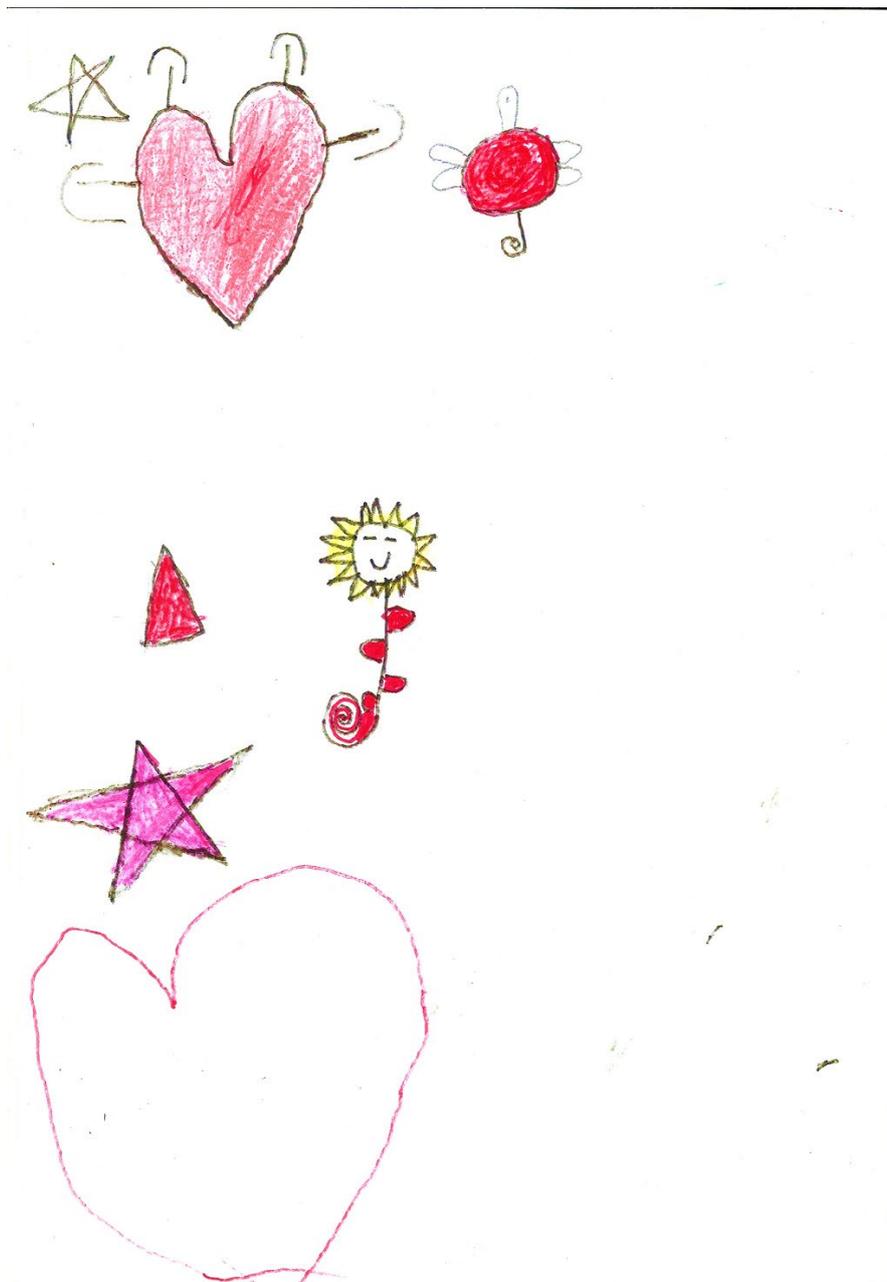
Os desenhos abaixo apresentados foram realizados a partir do tema “Coisas de cigano”. Indiquei às crianças que desenhassem coisas que lembrassem a cultura cigana ou uma pessoa cigana, que eles logo identificaram como “coisa de cigano”, que os ciganos gostam, e o resultado foi o seguinte:

Figura 1: Desenho A “Um Cigano com seu carro e som



(Por L. Menino de 8 anos de idade)

Figura 2: Desenho B “A barraca cigana”



(Por J., menina de oito anos de idade)

Figura 3: Desenho C “Linguagem cigana e carro com som pesado”



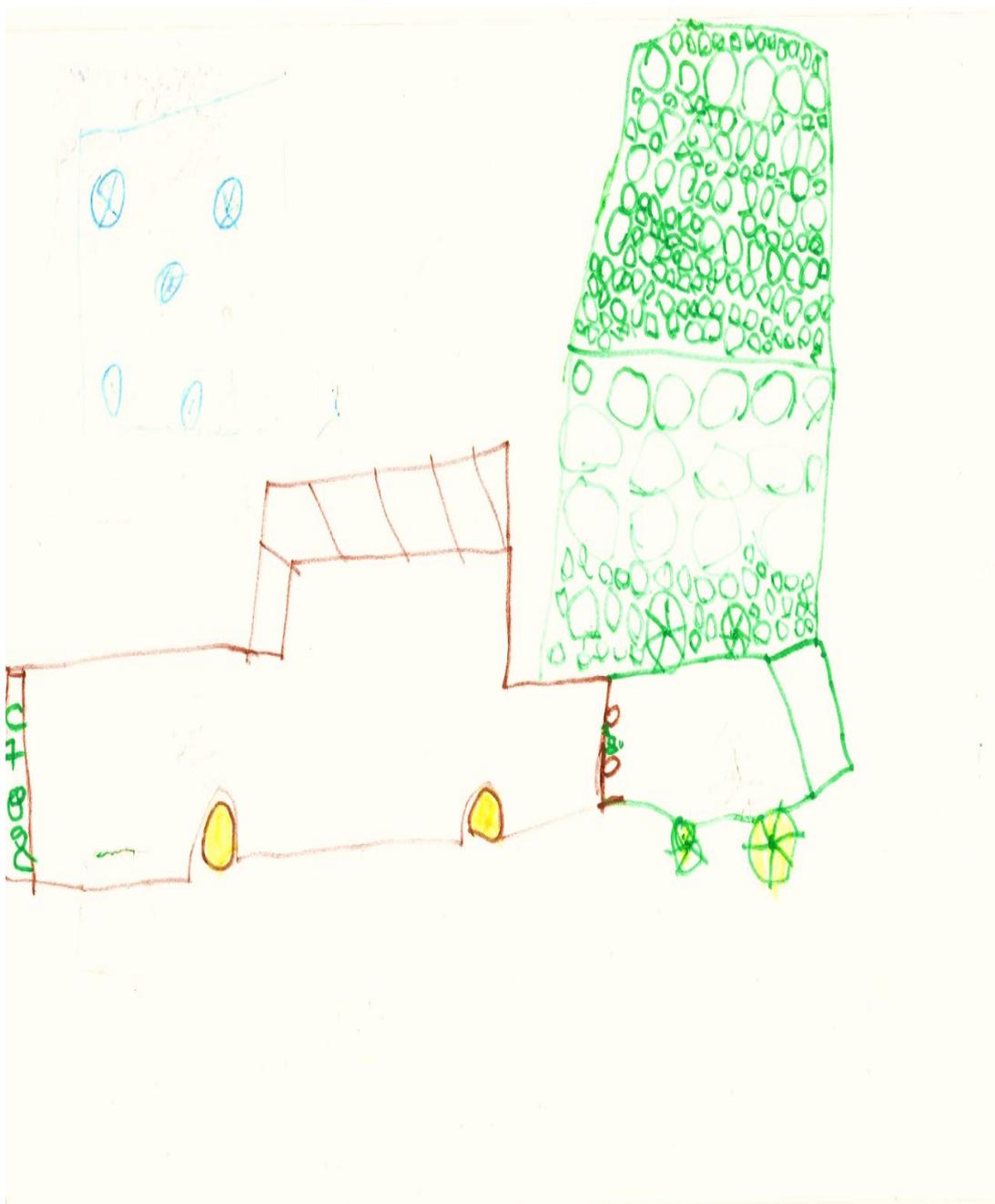
(Por D., menino de dez anos de idade)

Figura 4: Desenho D “Uma menina cigana e animais”



(Por K., menina de quatro anos de idade)

Figura 5: Desenho E “O carro envenenado”



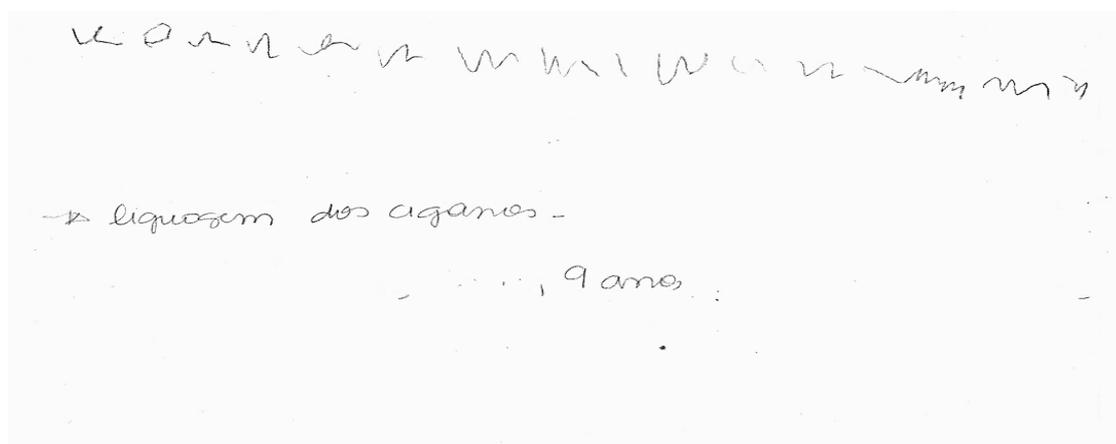
(Por K., menino de nove anos de idade)

Os desenhos foram coloridos e representativos dos seus cotidianos; trouxeram imagens de aparelhagem de som (grandes), desenhado por um menino cigano, o que nos mostra o quanto é significativo, na perspectiva de meninos Calon, ter a posse de um aparelho de som, que por sua vez está ligado também à importância da música e da sonoridade para os ciganos.

A barraca também é muito representativa do modo como as crianças aprendem a ver as “coisas de cigano”, em oposição às coisas dos juron. O fato de ter sido desenhado por uma menina, levou-me a refletir como alguns pontos da estrutura familiar (social) entre os Calon vão sendo estruturados, indicando o fato de as mulheres estarem mais ligadas ao universo doméstico que os homens. Já a relação com a natureza e com os animais também nos mostra a ligação das meninas e meninos com o espaço dos ranchos e a lógica de aprendizagem da autonomia, responsabilidade e do cuidado na criação de aves domésticas, prática presente na vida dos Calon desde muito cedo.

Dentre os desenhos, a língua cigana (chibi) foi desenhada por uma das crianças crescidas, porém a seguir veremos a língua dos ciganos, a chibi, no desenho.

Figura 6: Desenho F “Língua cigana- a chibi”



(Por K., menino de nove anos de idade)

Esse desenho se apresentou de forma surpreendente. Quando pedi ao menino que o desenhado para falar sobre o seu desenho, ele me devolveu a seguinte indagação: “-Lê Edilma, Tu não sabe lê!”. De imediato, eu lhe respondi que eu sabia ler, mas não conseguia ler o que ele tinha escrito, ou melhor, desenhado. Ele logo olhou para mim e perguntou, “Tu sabe, por que tu não consegue ler?” Eu respondi que não conseguia, e ele logo me disse: “-Isto aqui é nossa linguagem, coisa que só cigano sabe!”, Ele gritou eufórico para a mãe, dizendo: “-Mãe! Mãe! Edilma é uma menina, ela nem sabe da nossa linguagem, eu escrevi meu nome e ela não sabe, ela não consegue ler”

Por um minuto, aquele menino mostrou como são variadas as maneiras de produzir, representar e significar conhecimento, que a escrita deve ser compreendida como uma das formas de linguagem do desenho. De fato, foi um momento fantástico porque, embora no dia anterior eles me pedissem para lhes ensinar a ler o português, naquele momento verifiquei o quanto o menino de nove anos valoriza seus conhecimentos coletivos: a chibi, língua cigana, que é tida como um elemento secreto e de pertencimento unicamente de pessoas ciganas, invertia ali nossa condição de quem ensina e quem aprende, mostrando-me esse saber que eu não possuía e que ele possuía. Ao mesmo tempo, o desenho também trouxe a inquietação para refletir sobre as formas de comunicação, pensar a formação de uma língua, os signos que são atribuídos dentro de uma estrutura semântica e fonética.

Na sequência veremos os desenhos temático a partir da questão Calon x Juron.

Calon X Juron

Juron

Figura 07: Desenho G “O mundo dos Calon e dos Juron”



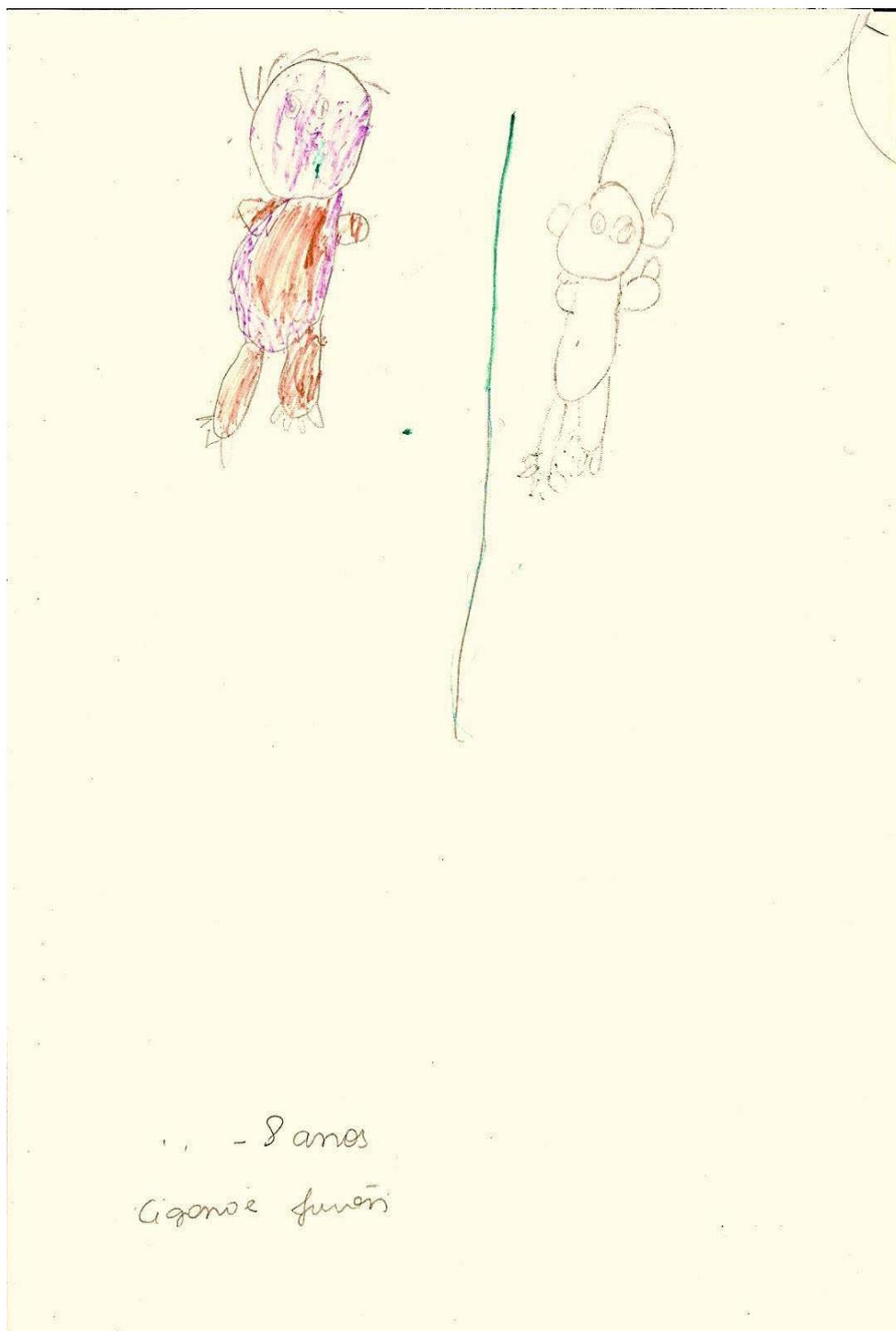
(Por D., menino de dez anos de idade)

Figura 08: Desenho H “A casa do Juron e Rancho de Cigano”



(Por D., menino de dez anos de idade)

Figura 09: Desenho I “Cigano com relógio de ouro e Juron pobre”



(Por L., menino de oito anos de idade)

Figura 10: Desenho J “O rancho cigano, Cigano com colar de ouro e relógio de ouro, cigana com saia e ouro, Juron e Jurin sem ouro. Ouro é coisa de cigano.”



(Por J., menina de oito anos de idade)

Figura 11: Desenho K: O rancho cigano, a fogueira, um galo, os Calon de ouro e a calin tem uma coroa de ouro. Os Juron não usam ouro.



(Por Jb. Menina de oito anos de idade)

Nesta segunda sessão de desenhos temáticos, a precisão das diferenças marcadas entre os Calon e os Juron foi expressa através do ouro e da moradia. Quando perguntei às crianças o significado dos ranchos em seus desenhos, as autoras dos desenhos 10 e 11 me afirmaram que os ranchos seriam as famílias, o lugar das famílias ciganas. Já nos desenhos 07 e 08, o menino D. desenhou respectivamente um mundo onde vivem juntos Calon e Juron e depois os ranchos, identificando o lugar de morada do cigano, mostrando que os Juron moram sempre em casas e os Calon moram em barracas. Eu o indaguei sobre sua moradia, e ele me respondeu: “- Eu moro nessa daqui”, e apontou para uma casa de Juron. Então eu logo lhe perguntei: “E tu é Juron?” Ele me respondeu: “Não! Mas a gente tem os ranchos assim, e tem os ranchos de barraca, e nas barracas só nós que moramos”.

Como podemos perceber, as crianças ciganas moram em casas de alvenaria, o que não se diferencia da condição de moradia da sociedade envolvente, mas a presença das barracas, tanto no cotidiano como na memória coletiva, mostra uma relação diferenciada entre tempo e espaço para os ciganos, com valores culturais que os distinguem dos juron.

A relação com o espaço dos ranchos, a ideia de um maior contato com a natureza e de mais liberdade, em comparação com o mundo juron, também pode ser notada nos desenhos. Os carros, para os meninos, foram bem contemplados quando sugeri os temas para os desenhos, assim como o ouro, elementos vistos como “coisas de cigano, da preferência dos ciganos”.

À guisa de conclusão

A pesquisa com crianças ciganas trouxe a compreensão de que a infância Calon é um período de sucessivas etapas que compreende a proteção, um período de maior imersão nas práticas e trocas da aprendizagem na educação Calon e, também, mais no fim da infância, um período de liminaridade, isto é, de transição para a vida adulta, quando meninas e meninos começam a experienciar atividades que serão base para a vida futura dessas pessoas Calon (MONTEIRO, 2015, 2019). Essa noção de infância apresenta-se, de maneira geral, como uma produção de infância entre os Calon na Paraíba e remete também a compreensão de uma entrada mais tardia na escola.

Os adultos ciganos valorizam e estimulam seus filhos a estarem na escola, mas isso costuma acontecer mais tardiamente em comparação com o ingresso na vida escolar de crianças não ciganas.

A noção de infância vai sendo diferenciada a partir da maneira como as crianças vivem o cotidiano, não existem delimitações etárias, mas a demarcação social. O casamento, neste caso, marca o rito de passagem da infância para a vida adulta.

Foi através da imersão no trabalho de campo e dos desenhos que cheguei às noções de pertencimento e identificação, elaboradas pelas crianças. Esclareço que não trago todos os desenhos realizados pelas crianças, nem os desenhos de todas as crianças.

A imagem que mais me trouxe *insight* durante todo o percurso etnográfico foi o desenho 06, a expressão do desenho da chibi, que foi, também, um mecanismo que me mostrou que aquela criança demonstrava ser detentora de um conhecimento que eu não tinha. O desenho se tornou grafia e palavra, e essa relação de negociação em campo com as crianças levou-me a concluir inicialmente que os desenhos são uma ponte de negociação entre os diversos conhecimentos; não só um elemento a ser utilizado na pesquisa com crianças, mas também uma técnica que sacode esse domínio do recurso da escrita x desenho, na elaboração de conhecimento científico.

Os desenhos apresentaram os significados das crianças, enfatizando o quanto seus cotidianos estabelecem fronteiras e significados diferentes na produção desses elementos. A língua, o ouro, as formas de morar, as viagens, os sons; e valores, como amor e respeito, estão sempre presentes nas narrativas das crianças ciganas em Mamanguape (PB). A forma como as crianças experienciam a prática do desenho, dimensionam os fatores que são experienciados em sua educação prática. Nesse caso, especialmente com as crianças ciganas, vejo a necessidade da pesquisa com as crianças fora do contexto escolar. Não se trata de pensar ou defender a escola como um não lugar, mas de que é preciso compreender a socialidade de vida de qualquer grupo em si, antes de tentar compreender a relação dele com outras instituições, valorizando sobretudo seus conhecimentos, saberes e formas de relacionar o mundo Calon e juron.

Referências

- COHN, Clarice. O desenho das crianças e o antropólogo: reflexões a partir das crianças mebengokré-xikrin. *In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL*, 6., 2005, Montevideu. **Anais da VI Reunião de Antropologia do Mercosul**. Montevideu: Universidad de la Republica, 2005.
- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio/ago. 2013.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.
- SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela (org.). **Crianças Indígenas, ensaios antropológicos**. São Paulo: Mari: Fapesp: Global, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. *In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975. p. 39-61.
- MAYALL, Berry. Conversas com Crianças: trabalhando com problemas geracionais. *In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (org.). Investigação com crianças: perspectivas e práticas*. Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005. p. 123-141.
- MENDONÇA, Karla Jeniffer R. **No tempo dos tambores: os saberes ritmados pela infância na escola viva olho do tempo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento J. **As Crianças Calon: Uma Etnografia Sobre a Concepção de Infância Entre os Ciganos no Vale do Mamanguape-PB**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

- MONTEIRO, Edilma do Nascimento J. **Tempo, Redes e Relações**: Uma Etnografia sobre Infância e Educação entre os Calon. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- NUNES, Ângela. **“Brincado de Ser Criança”**: contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, ISCTE, Lisboa, 2003.
- PIRES, Flávia Ferreira. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, p. 225-270, 2007.
- PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?** Religião e Infância no Semiárido Nordeste. Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.
- PIRES, Flávia F.; SANTOS, Patrícia Oliveira Santana dos. O uso de grupos focais na pesquisa etnográfica com crianças. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 318-342, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2019v21n40p318>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, n. 60, p. 61-93, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/5343> Acesso em: 30 nov. 2022.
- SOUZA, Edilma do Nascimento. **As crianças e o Programa Bolsa Família em Catingueira PB**: uma reflexão antropológica da condicionalidade escolar a partir do ponto de vista das crianças. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- TASSINARI, Antonella. Concepções Indígenas de Infância no Brasil. **Revista Tellus**, Campo Grande, n. 13, p. 11-25, out. 2007.
- VELHO, Otávio. Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 9-26, jul. 2006.

Recebido em: 11/07/2021

Aceito em: 12/12/2022